

Uma permanência forçada em São Miguel: Marion Hartley na encruzilhada de identidades

Leonor Sampaio da Silva
Universidade dos Açores
CHAM-A e CHAM – Centro de Humanidades

Resumo. A popularidade do tema da diáspora acentua-se numa época em que a mobilidade reaviva reflexões sobre identidade (Hall) e convida a discutir os nexos entre estado e nação (Safran). O artigo que se segue procura demonstrar como o tema da diáspora pode conviver com a literatura de viagens e infiltrar-se em universos textuais e sociais imprevistos, nomeadamente quando os viajantes são surpreendidos pelo rumo que toma a viagem que empreenderam. De igual modo, procurar-se-á relacionar a reflexão resultante do encontro de culturas com a importância do género epistolar para o autoconhecimento e a procura de integração social e de bem-estar pessoal. O ponto de partida é o conjunto de cartas escritas por Marion Hartley entre 1916 e 1919 a uma amiga americana. O enquadramento teórico baseia-se em reflexões sobre identidade no quadro dos encontros multiculturais e interculturais. Um dos objetivos é contribuir para repensar o conceito de diáspora, de modo a que ele inclua um leque mais alargado de experiências que ajudam a formar a consciência de si a partir de sentimentos de pertença e de exclusão vividos em contexto de viagem.

Palavras-chave: diáspora, identidade, literatura de viagens, epistolografia, Açores

Abstract. The theme of diaspora has gained impetus in a time when migration revives discussions about identity (Hall) and invites debate on the nexus between nation and state (Safran). The following article seeks to demonstrate how the theme of diaspora can interact with travel literature and make an appearance in unexpected social and textual spheres, namely when travelers are taken by surprise and forced to stay in foreign places longer than they foresaw. It also seeks to root the reflection that results from cultural encounters with the importance of epistolography for self-knowledge and the search of social integration and personal well-being. The point of departure is the letters written by Marion Hartley to an American friend during her stay on the Azores, from 1916 to 1919. The theoretical framework is based on the concept of identity in the context of multicultural and intercultural encounters. One of the purposes is a contribution towards rethinking the concept of diaspora so that it may encompass a broader spectrum of experiences that help in the formulation of self-awareness at the crossroads of belonging and exclusion felt during travel situations.

Keywords: diaspora, identity, travel literature, epistolography, Azores

Se bem que Marion Hartley, autora de *Estranhos em terra estranha* (2015) não caiba em nenhuma das categorias habitualmente elencadas como associadas ao tema da

diáspora (refugiados, imigrantes, expatriados, pessoas que pedem asilo, ou trabalhadores temporários) ela partilha com estes grupos algumas características comuns: é uma mulher que está em situação de mobilidade, o que causa dúvidas, incertezas e origina uma identidade fronteiriça, fragmentada e instável (Hall 597); é uma presença minoritária na ilha de São Miguel, não se integrando nem na sociedade portuguesa nem na comunidade inglesa da ilha; não possui poder suficiente para subverter a realidade política e cultural que encontra no local onde acaba por permanecer contra sua vontade; e debate-se com diversos entraves à comunicação interpessoal. De igual modo, ela e o marido tornam-se alvo de suspeitas, o que os isola ainda mais do resto da população, e está nela muito presente uma “diáspora imaginária” (Mishra 422), através da qual ela recria a sua “pequena Inglaterra” e a “grande América” em termos que não apenas contrastam com os Açores, mas oferecem imagens de beleza e de progresso que têm por finalidade compensá-la pela distância a que se encontra dos lugares onde formou laços de família e de amizade.

É neste contexto que o testemunho de uma inglesa de regresso a casa, depois de uma temporada nos Estados Unidos, nos convida a rever o tema da diáspora segundo novos parâmetros de análise. É certo que o casal não é economicamente carenciado, nem se alia a compatriotas para desenvolver práticas culturais de reforço da sua identidade a um nível comunitário, mas constitui uma minoria, torna-se politicamente suspeito e acaba por se aculturar imediatamente antes de ter de voltar a partir. Além disso, a dificuldade linguística constitui uma barreira à comunicação com a população portuguesa e a escrita epistolar assume uma importância fundamental no esbatimento da sensação de solidão e de estranhamento que rodeia a autora.

Dois outros aspetos colaboram para que este seja um caso que apresenta características típicas da diáspora num enquadramento novo: a sensação de estranheza e o mergulho na própria identidade. No respeitante ao primeiro ponto, e de acordo com Safran, a forte sensação de se estar num lugar estranho é comum na diáspora, levando ao sentimento de exclusão e de injustiça, sentido fortemente pela autora, ao ponto de atravessar uma grande parte das páginas, desde o título do livro: *Strangers in a Strange Land*. Por outro lado, na sua dimensão social, o conceito de diáspora refere-se a indivíduos que se identificam com uma parte diferente do mundo daquela em que residem, e remete para laços de família antigos, crenças, costumes e gostos de uma comunidade diferente da comunidade onde vivem (Agnew 5). Neste sentido, a diáspora acentua um movimento de introspeção que leva a refletir sobre a própria identidade.

Sabe-se que os ingleses são um povo de viajantes. O casal Hartley decide visitar São Miguel durante os meses de inverno, quando, depois de uma temporada na América, onde tinha negócios, acaba por ficar retido nesta ilha durante quase três anos, de setembro de 1916 a maio de 1919, devido às restrições impostas pela Grande Guerra às viagens marítimas. Marion Hartley teria ao tempo 46 anos e, pela notícia da sua morte, publicada na *London Gazette* a 16 de Fevereiro de 1936, ficamos a saber que, depois de ter enviuvado, residia no *Lyceum Club*, em Londres, um clube

criado em 1904, na esteira dos clubes femininos que começaram a aparecer em Inglaterra a partir de 1870, para proporcionarem a mulheres cultas e ativas, do ponto de vista social e político, um espaço de leitura e de lazer semelhantes aos clubes para homens, que elas não podiam frequentar. O espaço destinava-se oferecer a mulheres independentes e com poucos recursos económicos um local de encontro digno com editores e outros empregadores, para tratarem de assuntos relacionados com os seus interesses profissionais. Além das zonas sociais, esse clube dispunha ainda de 35 quartos de cama, que os membros poderiam usar. A fundadora do Clube, Constance Smedley, vincara a intenção de o situar numa zona nobre, em Picadilly, nas instalações que haviam sido usadas pelo Clube dos Serviços Imperiais, para que nada no ambiente circundante evocasse pobreza. Este clube dispunha de uma biblioteca e de uma galeria de arte, onde eram exibidas obras dos membros, assim como salão de cabeleireira e costureiras.

Podemos inferir, pelo facto de à data da sua morte Marion Hartley residir nesse clube, que ela vivia com dificuldades económicas, ao mesmo tempo que possuía aspirações intelectuais e artísticas. É aí que ela colige em forma de livro as cartas que enviara anos antes à amiga americana com quem se correspondeu durante a estada em São Miguel. Percebemos, igualmente, que o conforto a que estava habituada e a consciência de classe revelados na correspondência sofreram a certa altura do seu percurso de vida, provavelmente como efeito de viuvez, um revés que não contaminou a erudição e sentido crítico do seu olhar, revelado desde cedo nas cartas escritas durante a guerra. Um episódio bastará para confirmarmos os horizontes mentais de Marion Hartley. Pouco dada ao convívio com a comunidade inglesa residente na ilha, que Hartley considera preconceituosa e fechada, ela relaciona-se melhor com os americanos e com alguns membros da sociedade micalense, como é o caso do escultor Canto da Maia e sua mãe. Na carta nº 7, em que são relatados os acontecimentos da passagem de Ano de 1916 para 1917, vemo-la a conhecer a jovem francesa de 25 anos que posava como modelo para o escultor micalense – uma jovem “radiosa e fresca.”¹ A proximidade da inglesa com aquela rapariga suscita a reprovação da colónia inglesa. Os mexericos não tardam a avolumar-se, “pois, para os ingleses, ser modelo significa sempre torpeza moral da pior espécie, e eu a ligar-me a tal...!” (Hartley 64). Mas apenas logram arrancar da inglesa indignação e rebeldia. Ela passa a frequentar a casa do escultor, descreve-a, aliás, como sendo uma exceção ao mau gosto, desconforto e pobreza reinantes na ilha, e recorda esses encontros como o melhor dos tempos passados em São Miguel, para que contribuíssem as conversas joviais em francês que manteve com a modelo.

É difícil não a observarmos como pertencente ao universo que Virginia Woolf retrata em *A Room of One's Own* – uma mulher do século XX, ávida de experiências diferentes, com independência intelectual e capacidade crítica (a matéria base da escrita), propensa àquilo que hiperbolicamente ela chama “delinquências” (como dançar com todos os homens no baile de Ano Novo), e que recebe da destinatária epistolar americana repetidas ondas de encorajamento para ir acumulando pecados e deles dar notícia por carta. Foi esta mulher que

desembarcou em São Miguel em Setembro de 1916, para uma curta estada de inverno, com o objetivo de evitar os rigores do clima no seu próprio país e a expectativa de encontrar, nas ilhas, o Paraíso.

Um livro feito de cartas

Apesar de inevitavelmente tingido pelo percurso de vida, o seu olhar procura ser objetivo. As pessoas da ilha interessam-na, por razões diversas. Se à elite ela vai buscar uma oportunidade de aprender a língua e de associar o divertimento ao estímulo intelectual e artístico, os mais pobres oferecem-lhe bases para observar o outro lado da vida – o lado da vida enquanto “espasmo”: um movimento breve, um hiato curto na estagnação geral, mera existência sem objetivos: “só mesmo aqueles que viajam conseguem evitar isto” (Hartley 67). Perplexa com os hábitos de namoro (muito “inconvenientes”, especialmente o namoro à varanda, única razão para a existência de tal efeito nas casas), com o carácter receoso dos micaelenses (nem para outra ilha viajam), e com as contradições de uma população descalça quando existem excelentes sapateiros, e que habita casas desconfortáveis, mas muito bem construídas, Marion Hartley revela-se um objeto de estudo tão interessante quanto o lugar visitado.

Antes de prosseguir com as suas impressões sobre o lugar, observemos o género epistolar que a autora privilegia como discursividade preferida: a carta ganha gradualmente uma expressão mais viva de gosto e de sociabilidade com o desenvolvimento das comunicações postais. Trata-se de um tipo de discurso onde se associa o registo autobiográfico com o retrato de uma sociedade e, numa época de comunicações facilitadas, escrever cartas constituía um estímulo para encurtar distâncias, contar novidades, aprofundar reflexões pessoais sobre aspetos diversos do quotidiano, falar de si e do mundo. Esta dupla natureza explica o destino tão desencontrado das cartas, levando a que os seus protagonistas oscilem, por vezes ferozmente, entre o desejo de as preservar e a ânsia de as destruir. Do ponto de vista literário, o principal interesse do género é, para Ester de Lemos (Coelho 295–298), o facto de expressar uma sociabilidade requintada e de refletir um conceito do quotidiano como obra de arte.

No seu estudo sobre o género epistolar, Katharine Basset Patterson identifica outros aspetos que nos são úteis para compreender melhor as cartas de Marion Hartley: interação comunicativa (o texto epistolar é uma resposta a um ato comunicativo anterior e/ou um convite a uma interação futura), memória (não só perpetua uma experiência como permite documentar o passado), reconhecimento (baseia-se num pressuposto de identidade partilhada) e amizade (alicerça-se na confiança). Será o último ponto o responsável pela liberdade de expressão que caracteriza o discurso epistolar – em face de um destinatário que se reconhece como amigo, o pensamento expõe-se, confessa-se, critica, ridiculariza, emociona-se e faz humor.

Neste sentido, recordemos as palavras do crítico literário vitoriano, Henry Chorley, que, na sua edição da correspondência de Mary Russell Mitford, vinca a comparação entre uma carta bem escrita e uma conversa elegante. Segundo

Chorley, as cartas de Mitford possuíam “the charm and ease” das conversas proporcionadas pela escritora (Chorley 15). As cartas de Marion Hartley pertencem a este grupo, uma vez que são destinadas a uma amiga que, ao recebê-las, as lê em voz alta para um círculo de amigos. E a comunidade expandida de leitores que assim se reúne para ouvir “as cartas dos Açores” não só ouve como intervém na escrita, ocasionando uma conversa escrita. Tomemos como exemplo o seguinte caso: a certa altura, a amiga pede a Marion Hartley que ela não se refira ao marido como “Nº 2”, porque os amigos estranham que ela fale assim do seu companheiro de vida. Mas Marion Hartley não cede e sugere que a amiga explique aos americanos que se trata de uma forma carinhosa de ela demonstrar ao marido que ele é, além de cônjuge, o seu amante.

As cartas de Marion Hartley não eram enviadas com o pedido: queimar depois de ler. Pelo contrário, apesar de escritas num tom familiar e desprezioso, há uma atmosfera de glória em seu redor: são extensas, por vezes muito extensas (só a primeira ocupa 8 páginas impressas), contêm expressões estrangeiras que lhes conferem um tom cosmopolita (como, por exemplo, *Adieu*) e – um dos traços mais singulares que apresentam – contêm uma qualidade literária patente na própria intencionalidade que preside à sua escrita. É a autora que, ao reconhecer a grande extensão das suas missivas, e receando com isso levar a uma leitura fastidiosa, propõe à destinatária americana que ela ponha as cartas de parte, sempre que lhe apetecer, e volte a pegar nelas quando quiser, “como se fossem capítulos de uma história” (Hartley 30).

Além disso, a correspondência interpela constantemente a destinatária como se não houvesse um oceano a separá-la da emissora. Ao descrever o negrume das noites micalenses, ela escreve: “Faz um desenho, querida amiga! [...] repara em mim, agarrada ao Nº 2 e receando cair a cada passo” (Hartley 71). Já nas Furnas, ela convida a destinatária a acompanhá-la no passeio: “Vira-te e vê como a ribeira desce, beijando os pequenos seixos e acariciando as pedras maiores” (Hartley 113). Em várias outras ocasiões, procederá de modo idêntico: “Fica junto a mim para usufruir desta deliciosa imagem, enquanto a música murmurante da ribeira entra nos teus ouvidos. Vira-te e olha para o outro lado da estrada: aqui os outeiros e as margens erguem-se cobertos por uma linda e alta flor azul” (Hartley 118).

Quanto às características da vida insular, o que mais aflige a visitante é o isolamento. Desde a primeira carta que ela verbaliza um questionamento persistente ao longo da correspondência: “Como é que as pessoas conseguem viver aqui?” (Hartley 21).

Aliada ao isolamento, a pequenez destaca-se como segundo traço distintivo da realidade açoriana. Qualquer um deles incomoda a autora, que se mostra bastante preocupada com a possibilidade de uma onda ou um tremor de terra chegar durante a noite “e lá se vai o amanhã” (Hartley 42). Ela chega aos Açores deslumbrada pela vastidão do território americano, pela velocidade das máquinas americanas, pelo conforto, pelo progresso, pelo fervilhar produtivo dos Estados Unidos da América. Confessa estar num lugar que lhe foi imposto, inicialmente

apresentado e descrito como se fosse um paraíso, mas na verdade uma decepção, um abismo entre dois afetos geográficos: “a querida América” à direita, e a “querida linda Inglaterra à esquerda” (Hartley 28). Contrastando com o seu país natal e com o país de adoção, os Açores são “minúsculos”, “selvagens”, “uma terra primitiva de modos primitivos” (Hartley 32) e “deprimentes” (Hartley 26). A sensação de estranheza impera:

As pessoas daqui levam uma vida estranha e estagnada. Fazem e recebem recados, mas raramente são vistas fora de casa. Se o fazem, é numa carruagem, por isso parece que as gentes locais se aprisionam a elas próprias, como se vivessem num harém, com uma diferença, a reclusão não é forçada, seguem-na, simplesmente, porque nasceram e foram criadas para este tipo de vida. (Hartley 45)

Há poucas exceções a este retrato inicial. Duas delas merecem ser destacadas. A cidade da Horta e o porto de Ponta Delgada oferecem exemplos de uma expressão verbal que chega a ser elogiosa. Diz Hartley que existe na Horta “a mais importante estação de telégrafos”, com “cabos que vêm de Nova Iorque, Halifax, Hamburgo e Lisboa.” E conclui: “Na verdade, este pequeno lugar, que parece perdido no meio do oceano, está em contacto com todo o grande mundo” (Hartley 22). Relativamente ao porto de Ponta Delgada, a autora descreve-o “cheio de movimento quando os grandes navios de e para a América, França e Itália, chegam e partem. Também há navios de carga já que Ponta Delgada é uma estação de abastecimento de carvão no tráfego do Atlântico” (Hartley 33). Os elogios, convém sublinhar, baseiam-se no facto de estes dois lugares pertencentes a duas *ilhas minúsculas* contradizerem o isolamento e a pequenez, apresentando-se como pólos potenciadores de comunicação com o exterior. Cada um à sua maneira recebe parcelas do mundo e com isso combate o isolamento próprio da condição insular.

À medida que vai aprofundando o seu conhecimento de Ponta Delgada, a autora vai dando conta das contradições que encontra. Ela elogia o clima, o comércio “de vulto e levado a cabo com Portugal, Inglaterra, Estados Unidos, Brasil e França” (Hartley 41), mais uma vez, valorizando as pontes com o exterior. Também lhe agradam aspetos da beleza natural, como a vista das laranjeiras nos jardins privados, as camélias de uma beleza tal que lhe parece necessário “implorar por palavras novas para as conseguir descrever” por não ter “capacidade suficiente para o dizer” (Hartley 47).

Mas merecedora de pontuação negativa, não se faz tardar uma longa lista de defeitos: a simplicidade decorativa (sobretudo a ausência de tapetes), o desconforto das camas, a fealdade medonha dos quadros nas igrejas, os horários das refeições, os hábitos alimentares,² a falta de aquecimento nas casas, a ausência de iluminação pública, as touradas cruéis da Terceira que mais não passam de “exibição imoral” (Hartley 36), a reclusão voluntária das mulheres, as excessivas e numerosas demonstrações de afeto (Hartley 36), a difícil língua portuguesa: “Estava decidida a dar naquele momento o meu coração a alguém desconhecido só porque falava a minha língua” (Hartley 29).

Talvez isto explique porque Marion Hartley dá o seu coração aos americanos, cuja presença na ilha não só não passa despercebida como acaba por providenciar momentos de alegria ao casal inglês. Ficamos a saber que, para os micalenses cultos, a língua falada na América não era considerada, em rigor, inglês, mas Marion Hartley reconhece-a como sua (“por certo que era a minha língua”, Hartley 128), e a identidade comum foi suficiente para que ingleses e americanos se sentissem felizes, por lhes ser permitido ouvir e falar sem entraves linguísticos.

Destes encontros, ressalta um conjunto de grandes alegrias por pequenos acontecimentos e de grandes tristezas por pequenos erros: uma mulher entre oficiais, vivendo horas animadas, sentindo-se apreciada e, até, cortejada, na frente do marido, transforma-se rapidamente na mãe, na noiva, na irmã de todos eles. Uma noite, um comandante americano corta um dos pompons da manga de Hartley para levar consigo como mascote. A autora tem uma reação frívola: iriam os pompons ficar em número desigual; e sai da sala. O comandante acompanha-a e beija-a quando ela se despede para ir para o quarto; ela bate-lhe com o leque e dirá depois na carta que aquela audácia foi admirável, estando o marido presente. Este aceitou a ousadia como normal em tempo de guerra. Ao reproduzir a conversa que teve com o marido mais tarde, ela citá-lo-á: “Pobres rapazes! Talvez nunca mais tenham a hipótese de beijar uma mulher!” (Hartley 129) e afinada com o N° 2, bem como arrependida pela sua frivolidade anterior, completa: “Pobres rapazes! Como gostaria de os ter beijado a todos! [...] Aqueles pompons horríveis! Acenam para mim em reprovação como se gritassem que preferiam ter sido mascotes de todos aqueles homens. E, por isso, minha querida, tenho de acabar essa epístola, pois a tristeza está na minha alma” (Hartley 129).

Este é um dos raros apontamentos de Marion Hartley relativamente à Guerra, em vincado contraste com a abundância de referências à beleza natural e às peripécias da vida doméstica. O afastamento do principal palco bélico explica, em parte, a escassez de menções. Como se afirma na carta n° 16, expressivamente intitulada “Um novo tópico” (a guerra):

Aqui vivemos a nossa vida, nem feridos nem atingidos de modo grave ou desconfortável, com a exceção da dificuldade de voltar para Inglaterra. Como as ilhas são auto-sustentáveis, não temos falta de nada quanto às necessidades vitais. Mas agora que a América se juntou aos Aliados e que Ponta Delgada se tornou uma base naval, o desassossego do mundo, por fim, tocou-nos a nós. (Hartley 117)

O desassossego a que a visitante se refere é o reboiço causado pela descoberta de um submarino alemão ao largo de São Miguel, a que se seguiu um efémero episódio de ataque, por parte dos alemães, que resultou numa morte e quatro feridos, assim como na resposta por parte de um cargueiro americano que se encontrava em Ponta Delgada e que foi aclamado como salvador da cidade. Apresentados os factos (com erros, porque a autora indica duas mortes e altera a natureza do navio, dizendo ser um *destroyer*), a preocupação de Marion Hartley move-se para outro campo. O caso oferece novo ensejo para voltar a sublinhar o atraso da ilha: “Não há defesa, as armas são velhas e antiquadas, completamente

inúteis” (Hartley 118). Entusiasmada com as cerimónias em curso para homenagear o comandante do Orion, solicita a opinião da amiga ou apenas a envolve retoricamente na dúvida do momento: “O que deveremos fazer para o agraciar?” (Hartley 117).

Ele acaba por ser recebido segundo os costumes locais: com braçadas de hortênsias e grandes cestos de flores, além de fogo de artifício. Mais tarde, a autora voltará a referir a mudança operada em Ponta Delgada com a chegada dos americanos: “Estamos agora rodeados de um mundo inquieto” (Hartley 153) e explica:

Chegam navios de guerra e outros barcos para se abastecer de carvão. A cidadezinha tranqüila está cheia de agitação e, surpresa das surpresas, as raparigas bonitas, que mal tinham autorização para sair de casa, são encontradas nas lojas, nas ruas e até dentro de carruagens com os oficiais americanos!

Tudo está virado do avesso e como sempre as tuas gentes e os dólares americanos têm feito os preços subir e subir e os habitantes adoram-vos pois vocês trazem dinheiro. (Hartley 153)

É difícil não entrever nestas linhas uma leve insatisfação pela metamorfose operada pela presença americana, que virou do avesso a “cidadezinha tranqüila.” O diminutivo (cidadezinha) alia-se ao adjetivo (tranqüila) para retratar Ponta Delgada como um local vulnerável à desordem do mundo. Agora a autora já não se irmana com a amiga, não a interpela como se ela estivesse a seu lado observando o desassossego, mas expressa, através dos pronomes com que se afasta da realidade americana – as *tuas gentes* e *vocês* – uma ligação sentimental com o espaço inicialmente criticado pela sua pequenez, pelo seu atraso e pelo seu isolamento. Os cenários que tinham sido considerados deprimentes à chegada, as ruas escuras de pedras incertas, tornam-se seus, tanto quanto a “pequena Inglaterra”, e certamente muito mais do que “a grande América”. A imersão na geografia local chega ao ponto de a autora lamentar abertamente a transformação na cidade. Atente-se nestas palavras:

Mal reconhecemos a nossa Ponta Delgada tranqüila como a vimos quando cá chegámos e é claro que vocês, os americanos, tiram partido de tudo. Os preços sobem porque vocês podem pagar e pagam bem. (Hartley 150)

A escolha dos pronomes em “*nossa* Ponta Delgada” e “*vocês*, os americanos” é eloquente. Ela agora faz parte do lugar visitado. É, quando relata a destruição da ermida da Mãe de Deus “empoleirada no topo de uma colina” (Hartley 155), para não chamar a atenção do inimigo, interrompe a escrita: “Tenho de parar. Um sentimento de opressão, de estupidez, está a tomar conta de mim. Qual o motivo, não sei dizer, por isso tem de ser o Adeiu!” (Hartley 155).

Pode ter contribuído para a mudança de perspectiva o facto de, a certa altura, o casal Hartley ter sido acusado de espionagem. As suspeitas de que o casal foi alvo, por parte dos americanos, como eventuais espíões alemães merecem grande espaço numa carta em que Marion Hartley relata em pormenor os detalhes da

condenação pública, infundada, mas perturbadora, em que responsabiliza não só os americanos, mas o cônsul inglês pelo acontecido. Esta é, nas palavras da autora, a “tragédia” daquela guerra, uma tragédia pessoal, é certo, mas que ensombrou as relações cordiais que o casal mantinha com os oficiais americanos estacionados em São Miguel. Outra tragédia, desta feita doméstica, são as baratas que assustam a inglesa e que transformam a ilha – nalguns casos, paradisíaca – num autêntico inferno. Não fosse a Mosquita, a cadelinha que o casal adota nos últimos tempos, a solidão seria insuportável.

O último apontamento sobre a guerra relaciona-se com a satisfação por ela ter terminado. A reação na ilha foi festiva, com bandas a tocar música na rua e alegria por todo o lado. Mas depois das escassas linhas sobre o assunto, a autora retoma as notícias sobre a decoração da sua *petite maison*, como lhe chama. Nos últimos tempos, a condenação pública intensifica a vinculação desta mulher ao espaço doméstico e ela dedica-se a decorar a casa onde o casal vive, bem como a cuidar de vários assuntos ligados à vida doméstica, pois encontrar uma empregada que a compreenda continua a constituir um problema. A evolução da ligação sentimental à ilha é acompanhada pela substituição dos hotéis por casas arrendadas e, finalmente, a decoração de uma casa, longe do centro da cidade, mas com vista para o mar. A escrita epistolar muda de tom e a mulher cosmopolita revela-se transformada pela experiência de viver numa ilha onde nunca conheceu uma integração plena:

Simplesmente adoro o meu quarto, a minha janela e a minha varanda em dias como este. [...] a mãe do escultor e irmã vieram visitar-me e ver a casinha. Conversámos na sala de estar, que é agora uma sala bonita, que arranjei para receber *à la mode* portuguesa, o canapé contra a parede, a meio da parede, cadeirões nos extremos, e assim eu sentome no centro e os meus convidados de cada lado. (Hartley 198)

A autora acaba por adotar o gosto do lugar onde lhe foi imposto viver. Reconhece como seus os pequenos ambientes duma casa pequena: “o meu quarto, a minha janela e a minha varanda” – três lugares diminutos bastam-lhe para uma existência feliz com a contemplação do mar. Mas é precisamente nesse momento que a guerra termina. Findo o conflito, e confrontada com a exigência de regressar ao seu país, a despedida, contrariamente ao que seria de esperar, torna-se difícil:

Dois anos e meio tiveram um efeito estranho em mim. Penso em Inglaterra – Londres – com um misto de medo nervoso. A agitação, o tráfico! Será que alguma vez me vou atrever a atravessar a rua? É como se tivéssemos morrido e fôssemos ressuscitar! Desejo partir, mas, no entanto, tenho receio de voltar a encarar a vida de progresso de novo. (Hartley 207)

Chegados a este ponto, vemo-nos confrontados com outras características da diáspora enquanto tema inerente à condição migratória. Por um lado, formase uma identidade fronteiriça, que se movimenta entre espaços, tempos e culturas diversos, absorvendo elementos da sociedade de acolhimento enquanto mantém hábitos e costumes do seu lugar de origem. Não só a decoração da casa, mas o

nome da cadela – Mosquita – revelam o esforço de tornar seus o lugar e a cultura insulares. Por outro lado, impera a renovada necessidade de partir, porque o lar é uma procura incessante e não uma conquista permanente.

Finalmente habituada ao gosto açoriano, satisfeita com a pacatez da pequena cidade, suficientemente adaptada aos costumes e à língua, a autora deverá partir novamente. A alegria do fim da guerra não é totalmente saboreada porque traz consigo a exigência do regresso a um país que já não é sentido como seu. A imagem de renascimento aos 49 anos não lhe parece muito animadora, porque Marion Hartley já sabe que, na sequência da viagem, mesmo que esta agora seja uma viagem de regresso ao país de origem, uma nova aprendizagem a espera. A permanência na ilha operou nela uma mudança.

Considerações finais

Não constituindo um grupo minoritário por questões de classe ou etnia, Marion Hartley é-o na própria condição de mulher. Não viajando por imposição económica ou política, ela fica sujeita a uma permanência indesejada numa terra estranha que abala a sua identidade e a força a uma adaptação difícil, no âmbito da qual redefine gostos e rotinas e se transforma num ser híbrido, cercado de dúvidas e incertezas.

A evolução dos seus sentimentos em relação à ilha manifesta-se no género epistolar, que congrega aqui múltiplas funções. Além de informar e de permitir desabafos e partilhas, a carta opera como substituta de uma conversa entre amigas, proporciona o alargamento de interlocutores ao incluir os amigos americanos da destinatária, e, por acontecer numa atmosfera de sociabilidade requintada, assume-se como ato comunicativo capaz de transformar o quotidiano em obra de arte. De facto, as cartas de Marion Hartley partilham desta natureza complexa. Enquanto textos redigidos durante um período longo, de forma persistente e minuciosa, representam uma amizade que resiste à distância e se fortalece no pacto da leitura. A autora reconhece que elas não são “cartas normais” (Hartley 219), como escreve, já em Lisboa, no seu diário, em maio de 1919, porque “estava sempre a falar contigo, não a escrever” (Hartley 219). Elas começam por ser um motivo de regozijo quando chegam ao destino, levando a uma leitura social e acabam por ser um conforto para quem recebe a resposta vinda da América, num momento em que a solidão e a rotina pouca matéria forneciam à remetente. Nesta reciprocidade de estímulos, representam o espírito da amizade e da conversa viva, dialógica e partilhada. Por outro lado, a escrita não se deixa cativar pelos grandes feitos, preferindo, ao invés disso, as pequenas glórias de um quotidiano feito de contrastes – como a autora diz a certa altura, a “mistura maravilhosa” (Hartley 147) que é a vida: uma simbiose de Paraíso e de Inferno, de solenidade e de frivolidade, “triste e agradável”, como foi a própria experiência de viver nos Açores; uma escrita que transforma o frívolo e banal em acontecimentos únicos.

Pouco mais lhe era permitido fazer. Deslocada do seu espaço de origem, Marion Hartley, acumulava uma segunda característica que dificultava ainda mais a integração na realidade açoriana: era mulher, com tudo o que isto representava

de tabus e limitações. E, se nada do que a angústia perturba o marido, é porque ele “está noutra posição” (Hartley 45):

Não nos podemos guiar pelo N° 2, nada o consegue perturbar... infelizmente, não é o meu caso! Ele também está noutra posição, tem os barcos, os capitães, a cidade e os seus mexericos, o que eu não tenho, nem quero ter. (Hartley 45)

O que ela queria era ter uma casa que pudesse chamar sua, o que não teve, nem nos Açores, nem em Inglaterra. E também por isso a sua condição migrante, embora distinta do que habitualmente se enquadra no âmbito das categorias associadas à diáspora, obriga-nos a repensar a ideia de diáspora. Aqueles que habitualmente integram esta realidade procuram um lugar a que possam chamar seu. É o que sucede com Marion Hartley. Ela demonstra através do género epistolar a sua busca incessante por uma ligação que lhe permita superar a solidão, conhecer-se, ambientar-se ao novo espaço de residência, criar laços de pertença sem perder velhas amizades, reconstruir uma identidade fragmentada pela violência de um mundo em guerra e pela dificuldade de comunicação com uma população estrangeira e uma comunidade inglesa propensa a dividir e a julgar.

Notas

¹ Todas as referências e citações do livro de Marion Hartley seguem a versão portuguesa, da autoria de Elisa Gomes da Torre e publicada, em 2015, pelo Instituto Açoriano de Cultura. Neste caso, a citação pode ser encontrada na página 64.

² A autora queixa-se dos “pratos nauseabundos” que consistem em fritos em azeite e banha, e muito alho e cebola, que retiram o sabor original dos alimentos. Mas o mais reprovável é a orelha de porco a boiar em banha (63).

Obras Citadas

- Agnew, Vijay. *Diaspora, Memory, and Identity. A Search for Home*. University of Toronto Press, 2005.
- Chorley, Henry (ed.), *Letters of Mary Russell Mitford*. 2nd series. Bentley, 1872. 2 vols.
- Coelho, Jacinto de Prado (ed.) *Dicionário de Literatura*, vol. 1, 3rd ed. Ramos dos Santos, 1987.
- Hall, Stuart. “The Question of Cultural Identity.” *Modernity, an Introduction to Modern Societies*, edited by Stuart Hall, David Held, Don Hubert and Kenneth Thompson, Blackwell, 1996, pp 596–618.
- Hartley, Marion. *Estranhos em Terra Estranha – Cartas dos Açores 1916-1919*. Tradução anotada de Elisa Gomes da Torre, Instituto Açoriano de Cultura, 2015.
- Lemos, Ester. “Epistolografia.” *Dicionário de Literatura*, edited by Jacinto do Prado Coelho, vol. 1, 3rd ed., Ramos dos Santos, 1987.
- Mishra, Vijay. “The Diasporic Imaginary: Theorizing the Indian Diaspora.” *Textual Practice*, vol 1, no.1, Spring 1996, pp. 422–423.
- Patterson, Katharine Basset. *A Communicative Approach to the Epistolary Form in Letters of Victorian Women Writers*. 1995. University of Toronto, PhD dissertation. <https://tspace.library.utoronto.ca/bitstream/1807/10605/1/NQ28147.pdf>. Accessed 8 February 2019.
- Safran, William. “Concepts, Theories, and Challenges of Diaspora: A Panoptic Approach.” *Dispersione, globalizzazione e costruzione dell’alterità: Diaspore et migrazione in el bacino del Mediterraneo et oltre (xix–xx secc.)*, 18 September 2007, Department of History, University of Pisa, Marsala, Italy. Presentation. <http://www.sissco.it/articoli/cantieri-distoria-iv-391/programma-392/dispersione-globalizzazione-e-costruzione-dellalterita-diaspore-e-migrazioni-nel-bacino-del-mediterraneo-ed-oltre-xix-xx-sec-435/concepts-theories-and-challenges-of-diaspora-a-panoptic-approach-441/>. Accessed 8 February 2019.
- Woolf, Virginia. *A Room of One’s Own*. Hogarth Press, 1929.

Leonor Sampaio da Silva holds a Master's degree in Anglo-Portuguese Studies, by the New University of Lisbon (Faculty of Humanities and Social Sciences) and a PhD in Anglo-American Studies (English Culture), by the University of the Azores, where she has been teaching since 1991. After studying the educational and political essays of H. G. Wells for her Master's thesis, her doctoral dissertation focused on the cultural project of Bertrand Russell. Since then, she has added Visual Studies and Translation Studies to her academic interests. At the University of the Azores, she has been the coordinator of the Master's degree on Translation, and the Director of the Translation Office. Presently, she is the Head of the Gulbenkian Academy at the University of the Azores.